

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS EDUCADORES DIANTE DA INCLUSÃO DE CRIANÇAS AUTISTAS NO AMBIENTE ESCOLAR.

Laís Amaral de Castro ¹
laisamaralcastro@hotmail.com
Maria Flávia Fabbri de Araújo Espada ²

Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva – IMES Catanduva – SP.
Avenida Daniel Dalto, s/nº - Rodovia Washington Luis 310 – Km 382 – Caixa Postal 86 – CEP 15.800-970 –
Catanduva – SP.

1- Graduanda em Psicologia pelo Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva – SP.

2- Orientadora Profª Ms. Maria Flávia Fabbri de Araújo Espada.

RESUMO

Introdução: Incluir o portador do espectro autista na instituição de ensino faz com que os profissionais da educação e a escola optem por mudanças, de maneira a adaptar a instituição em questões de currículo; análise do conhecimento; rotina da instituição; agilidade metodológica e métodos pedagógicos. **Objetivo:** Conhecer os desafios do sistema educacional a partir da perspectiva dos educadores, para desenvolver os trabalhos de AEE (Atendimento Educacional Especializado). **Método:** Pesquisa transversal, exploratória e qualitativa. Os dados foram coletados através de uma chamada de vídeo no Whatsapp©. A amostra, composta por profissionais da educação que possuam experiências com crianças autistas, responderam a entrevista semiestruturada contendo 10 perguntas sobre o tema. **Resultados:** Foram entrevistados 6 participantes do gênero feminino, com formação profissional em Pedagogia. Os resultados foram organizados em 4 categorias e suas referentes subcategorias, sendo listadas da seguinte forma: os desafios encontrados na inclusão, formação na época da demanda, métodos utilizados para o processo de aprendizagem, e a qualificação da instituição. **Conclusão:** Percebe-se que há a necessidade frequente de investimento na formação continuada dos docentes, bem como nas Instituições de Ensino, tanto em seu ambiente físico como em materiais específicos para a aprendizagem de alunos especiais.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; Inclusão escolar; Criança; Educadores.

ABSTRACT

Introduction: Include the autistic person spectrum in the educational institution makes education professionals and the institution join changes in mode to adapt the institution to curriculum questions; cognition analysis; institution routine; methodological agility and pedagogical methods. **Objective:** Know the challenges of the educational system from the perspective of educators, to evolve the work of “Specialized Educational Care” (*AEE - Atendimento Educacional Especializado*). **Method:** Cross-sectional, exploratory and qualitative research. Data and facts were collected through a video call on Whatsapp© The sample, composed by education professionals who’s have experiences with autistic person children, answered the semi-structured interview with ten (10) questions about the theme. **Results:** Six (6) female participants were interviewed, with graduation completed on Pedagogy. The results were organized into four (4) categories and their referent subcategories, listed as follows: the challenges founded in inclusion, graduation at the time of demand, methods used for the learning process and the institution qualification. **Conclusion:** It is realized that there is a necessary frequent for investment on continued graduation of teachers, as well as in educational institutions, both in their physical space and in specific materials for the learning to special students.

KEY-WORDS:. Autism; School inclusion; Children; Educators.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma síndrome que acomete atraso no desenvolvimento da criança, implicando na socialização, comunicação, criatividade e decisões. Entretanto, outros fatores que indicam a presença da síndrome são: desejos restritos por certos objetos, comportamentos repetitivos, dificuldade em se relacionar com outras pessoas, demonstrando falta de interesse nesse relacionamento, preferem ficar isolados, possuem dificuldades em expressar emoções e evitam contato “olho no olho” (ALVES; LISBOA; LISBOA, 2010).

De acordo com o DSM-5 (2014), os seres humanos que se enquadram nos critérios do TEA possuem interesses por uso repetitivo de objetos, como por exemplo: girar moedas, enfileirar objetos, apresentando também fala repetitiva (ecolalia), onde a criança repete o que o outro acabou de dizer, usa o “tu” como forma de se referir a ela mesma, além de ser fã em rotinas e possuírem dificuldades em mudanças, por exemplo: dificuldade em seguir regras. As dificuldades e os comportamentos dependem muito do nível de gravidade do autista, idade e evolução do desenvolvimento.

Apesar de não existirem dados sociodemográficos mais precisos sobre a ocorrência do autismo no Brasil, calcula-se que cerca de 2 milhões de brasileiros possuem o transtorno. Nos Estados Unidos, há avanços óbvios em ferramentas e recursos de avaliação padronizados; havendo rumores de que a ocorrência de autismo em cada 50 crianças é de 1 caso (CAMARGO et al., 2020).

Todavia, a predominância global é da ordem de 10/10.000 crianças, tendo maior ênfase no sexo masculino; onde a cada 5 meninos, 1 menina apresenta critérios diagnósticos para TEA (MAPELLI et al., 2018). E até hoje não se tem uma causa definida para o motivo do transtorno; acredita-se que sua procedência esteja relacionada com uma determinada falha em alguma parte do cérebro, não muito exata, na qual parte de origem genética. Em alguns outros estudos, acreditava-se que o autismo estava relacionado ao abandono e desprezo materno (FERNANDES; NEVES; SCARAFICCI, 2004).

Na área educacional, para envolver as crianças diagnosticadas com algumas características diferentes, introduziu-se a Educação Especial, a qual se desenvolve um método de ensino indicado a alunos que apresentam algumas deficiências, tais como: deficiência sensorial, mental, física e também com característica específicas como talentos, superdotação e altas habilidades. Portanto, a inclusão desses alunos na educação visa promover uma instituição de ensino que se adeque a todos os alunos e não o contrário: um determinado aluno portador de características diferentes ou deficiência se adequar a instituição (RAMOS, 2019).

O Conselho de Educação aprovou o Projeto de Lei do Senado nº 5055/16, que promove a educação inclusiva por meio do atendimento especializado nos planos de ensino escolar e da promoção de atendimento e adaptação para atender as dificuldades dos alunos, além de oferecer flexibilidade no ensino de cursos, métodos, recursos educacionais e processos de avaliação diferenciados (DISTRITO FEDERAL, 2016).

A inclusão faz com que todos os indivíduos pertençam ao todo, como forma de reconhecimento (MARTINS, 2016). O propósito da educação é dotar requisitos para que qualquer indivíduo, sem exceção, possa ter acesso ao ensino, de modo a desenvolver e aprimorar suas aptidões (FELÍCIO, 2007).

Incluir o portador do espectro autista na instituição de ensino faz com que os profissionais da educação e a escola optem por mudanças, de maneira a adaptar a instituição em questões de currículo; análise do conhecimento; rotina da instituição; agilidade metodológica e métodos pedagógicos (BARBOSA, 2018). As práticas pedagógicas utilizadas devem ser revistas e reavaliadas, como forma de garantir um ganho na inclusão, sendo ele múltiplo, ou seja, vantajoso para as crianças e para os educadores (RUBINSZTEJN, 2018).

Quando há a inserção de crianças com TEA no ambiente escolar os educadores se sentem impotentes, com sentimento de angústia e frustração, por não estarem preparados para lidar com as restrições do indivíduo (BARBERINI, 2016), mesmo com o auxílio da Educação Especial, uma vez que o professor é um agente ativo na formação e no desenvolvimento de um indivíduo. Entretanto, observa-se que a formação do professor não apresenta base nos aspectos inclusivos para as crianças que apresentam as características do transtorno do espectro autista.

Portanto, a quantidade de matrículas na educação especial atingiu cerca de 1,3 milhões em 2019, correspondendo a um aumento de 34,4% quando comparado com 2015. A maior quantidade concentra-se no ensino fundamental, chegando a 70,8% de inscrições na educação especial. Comparando o crescimento de números de registros em 2015 e 2019, é notável que as do ensino médio foram as que mais aumentaram, em um total de 91,7 %. Perante as informações obtidas, o percentual de estudantes com deficiência, autismo ou altas habilidades matriculadas em classes comuns, aumentou gradativamente, para todas as fases de ensino (INEP, 2019).

Nesse sentido, nosso estudo se justifica em razão do índice de crianças autistas nos contextos atuais, causando inquietação nos pais, nos profissionais da educação e em profissionais da saúde. Considerando todos esses fatores, o presente trabalho busca conhecer os desafios do sistema educacional a partir da perspectiva dos educadores, para desenvolver os trabalhos de AEE (Atendimento Educacional Especializado).

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa transversal, exploratória e qualitativa, que consiste na identificação dos desafios enfrentados pelos educadores quando há a inserção de crianças autistas no ambiente escolar. Foi realizada após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer de nº 4.737.149 , com o seguinte critério de inclusão: profissionais da educação que possuam experiências com crianças portadoras do transtorno.

O número de sujeitos foi definido de acordo com um levantamento mediante aos profissionais da educação que atuam na especialidade do autismo, por meio de pessoas que conheçam profissionais que atuem nessa área. A pesquisadora obteve o primeiro contato com os participantes através do Whatsapp®, convidando-os a participarem com base nos critérios de inclusão, informando os objetivos da realização e em seguida, os indivíduos que concordavam em participar do estudo assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido , online através do Google Forms, por último houve o agendamento da entrevista, para 6 participantes, por meio de vídeo chamada no Whatsapp®.

Ressalta-se que os dados da presente pesquisa foram coletados a partir de uma entrevista semiestruturada, uma vez que essa modalidade permite ao entrevistado expressar livremente suas experiências, ideias e dúvidas. A entrevista foi elaborada pela autora do estudo e abrange 10 perguntas norteadoras sobre o assunto, com o intuito de extrair relatos pertinentes para o objetivo da pesquisa. As questões abordavam os seguintes tópicos: suporte e conhecimento dos entrevistados na época da demanda; dificuldades e desafios encontrados no processo de aprendizagem; possibilidades e parcerias com instituições especializadas no assunto; qualificação da instituição e estratégias, métodos e materiais utilizados para o ensino-aprendizagem.

Além disso, foi estabelecido que as respostas da entrevista fossem tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento foi divulgado o nome do participante em qualquer fase do estudo. A realização da entrevista semiestruturada teve duração total de aproximadamente 10 minutos por participante.

Finalizando a pesquisa, os materiais obtidos foram sujeitos à análise de conteúdo, através da préexploração; seleção das unidades de observação e a categorização e subcategorização. Portanto, os relatos dos participantes foram divididos em categorias e subcategorias para posterior análise, observando-se os critérios de duplicação de conteúdo, intenção da mensagem, relevância e homogeneidade. Sendo assim, foi possível identificar e analisar aspectos comuns da experiência dos participantes, relacionadas a alunos com autismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

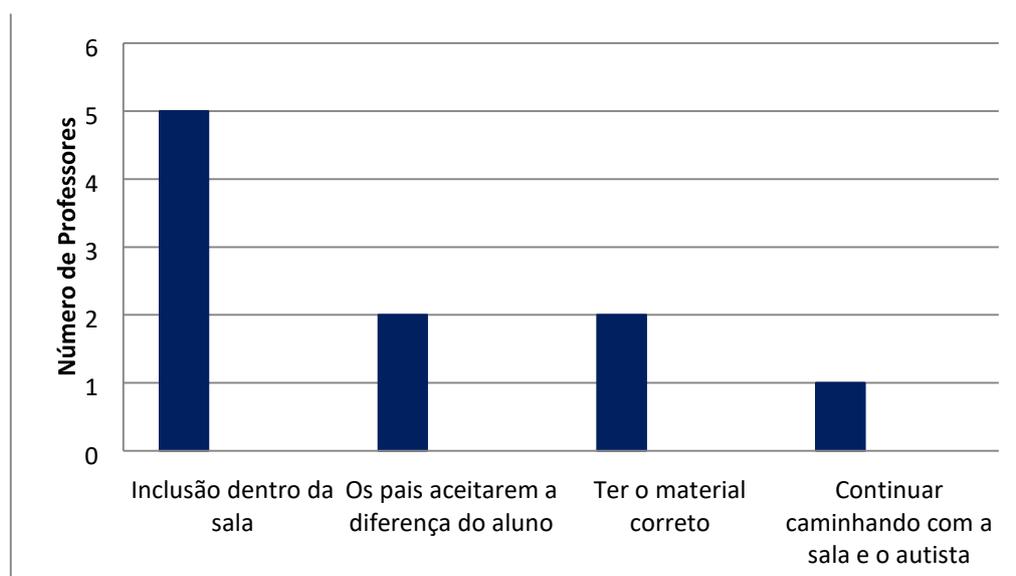
O presente estudo busca conhecer os desafios do sistema educacional a partir da perspectiva dos educadores, para desenvolver os trabalhos de AEE (Atendimento Educacional Especializado). Nossa pesquisa traz uma amostra composta por 6 participantes do gênero feminino, com idades entre 33 e 49 anos, todos com formação profissional em Pedagogia, apresentando pós-graduação em diversas áreas, como: Psicopedagogia, Alfabetização e Letramento, Educação Especial, Psicomotricidade, Letras e Educação Infantil.

Os resultados foram organizados em 4 categorias e suas referentes subcategorias, sendo elas: 1- Os desafios encontrados na inclusão; 2- Formação na época da demanda; 3- Métodos utilizados para o processo de aprendizagem; e 4- Qualificação da instituição.

Categoria 1- Os desafios encontrados na inclusão.

Os participantes destacaram que o maior desafio é a inclusão dentro da sala, pois nem sempre é possível dar uma atenção exclusiva às crianças com característica de TEA, integrá-las dentro da sala de aula com os demais e proporcionar uma inclusão satisfatória com o objetivo de alcançar resultados. Outros desafios também foram relatados, como: os pais aceitarem a diferença do aluno, ter o material correto e continuar caminhando com a sala e o autista. Dessa forma, o gráfico abaixo integra 10 resultados, visto que houve respostas variadas, resultando em mais de uma resposta.

FIGURA 1- Desafios encontrados na inclusão.



Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com os desafios da inclusão dentro da sala, é necessário que haja integração social e nesse caso a escola é a responsável por esse processo (FELÍCIO, 2007). Portanto, quando as crianças que apresentam TEA tem convivência com pares da mesma idade é benéfico para o seu desenvolvimento de competências e habilidades sociais (SCHMIDT et al., 2016). Além de contribuir para o desenvolvimento das demais crianças, de forma a conviverem com limitações (SILVA et al., 2019).

Pode-se afirmar e destacar a dificuldade de inclusão dentro da sala com alguns relatos de professoras entrevistadas:

“[...] o principal desafio é o professor da sala regular conseguir conciliar o aluno com autismo dentro da sala [...]” (Professora 5)

“[...] o desafio é proporcionar uma inclusão satisfatória para essa criança, buscar resultados com ela, interagir com os alunos e fazê-los respeitar as diferenças dessa criança [...]” (Professora 6)

Conforme mencionado anteriormente, a aceitação dos pais para o diagnóstico de TEA também é considerado como um dos desafios para alguns dos entrevistados, pois para ocorrer de fato à inclusão é preciso que haja a aceitação da diferença das crianças pela escola e familiares, além de ambos andarem de mãos dadas no desenvolvimento da criança.

Para o autor Martins (2016), é primordial o acolhimento da instituição juntamente com a percepção da diferença por parte da família, pois esse acolhimento e inclusão dentro da dinâmica familiar são primordiais para inseri-los em outros locais De forma que, tanto os familiares como os profissionais, deixem de lado o preconceito e os padrões impostos pela sociedade (RUBINSZTEJN, 2018).

Na fala de uma das professoras, é possível perceber a comprovação dos dados obtidos:

“ A maior dificuldade é a aceitação dos pais, o pai aceitando fica tudo mais fácil [...]”
(Professora 3)

Outro desafio citado foi sobre a questão de ter o material correto para trabalhar, visto que é necessário um material diferenciado e específico para crianças diagnosticadas com o TEA, além de necessitar de uma professora auxiliar para o acompanhamento desse aluno.

Devido às diferenças peculiares que variam de criança para criança, o processo de aprendizagem necessita de ajustes que confrontam os modelos tradicionais de ensino, impondo desafios e novas barreiras aos docentes, como forma de garantir a permanência escolar dos alunos com TEA (CAMARGO et al., 2020). Pois eles precisam de um ambiente educacional estruturado e adaptado para as suas necessidades e dificuldades (FELÍCIO, 2007).

Em concordância, uma determinada participante, destacou sobre um dos seus desafios estar relacionado a:

“[...] ter o material certo para trabalhar com essa criança, ter alguém para te ajudar, pois a criança autista precisa de um ensino diferenciado, pois tem dias que ela está bem e tem dias que não, tem dias que ela quer fazer, tem dias que não [...]” **(Professora 1)**

O último desafio mencionado foi a respeito de, continuar caminhando com a sala e o autista, uma vez que, ambos devem se beneficiar do aprendizado, ao contrário de beneficiar e desenvolver apenas um lado da turma.

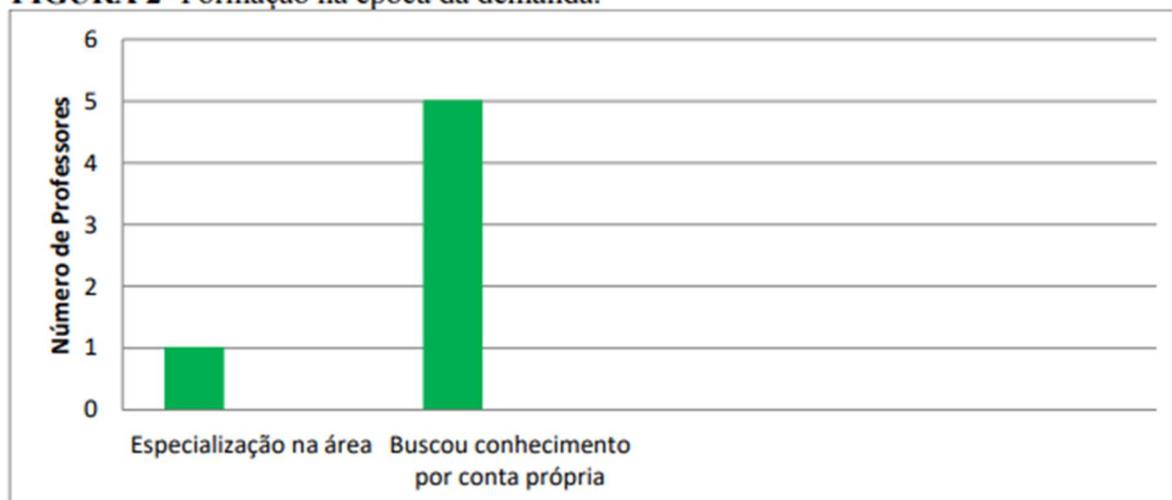
Portanto, o educador deve possuir uma postura de comprometimento, se responsabilizando por um aprendizado sistemático e de uma constante revisão de conteúdo, exercendo uma conexão entre a teoria e a prática, visando o aperfeiçoamento de suas ações (SILVA; ROZEK; SEVERO, 2018). Corroborando com essa visão, uma das professoras afirma que:

“[...] o que vem a ser difícil é ter uma sala com 20 crianças normais e você trabalhar com os normais e mais com essa criança com dificuldade, é conseguir dar apoio e desenvolver todo mundo em uma sala cheia de crianças.” **(Professora 3)**

Categoria 2- Formação na época da demanda.

A amostra revelou que a busca pelo conhecimento se deu por conta própria, uma vez que durante a formação em Pedagogia os docentes não são instruídos sobre como trabalhar com seres humanos portadores do TEA, necessitando buscar conhecimento por fora, como: trocas de experiências com profissionais, vídeos da internet, palestras, redes sociais e partindo para uma pós-graduação na área. A busca por conhecimento, geralmente acontece quando os docentes são expostos a demanda, antes disso, apenas quem possui interesse na área é que busca um conhecimento específico e mais aprofundado.

FIGURA 2- Formação na época da demanda.



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando um aluno autista ingressa na escola, junto dele vem à preocupação, tanto por parte da escola como por parte da família do autista (BATTISTI; HECK, 2015). Há pouco tempo, apenas os professores que tinham interesse na área de Educação Especial é que partiam para uma formação especializada no assunto. Porém, a demanda da inclusão chega às escolas antes da formação especializada do docente e a saída para essa questão tem sido a capacitação profissional em trabalho, através de programas de formação continuada (ALVES; LISBOA; LISBOA, 2010).

Ao pensarmos na formação dos professores nos vem à ideia da busca de conhecimento por conta própria, sendo motivada por questões internas, com o intuito de dar sentido para o que almeja e as demandas de alunos em seu cotidiano (SILVA; ROZEK; SEVERO, 2018).

A literatura se relaciona com os seguintes discursos dos participantes abaixo, a respeito da formação na época da demanda:

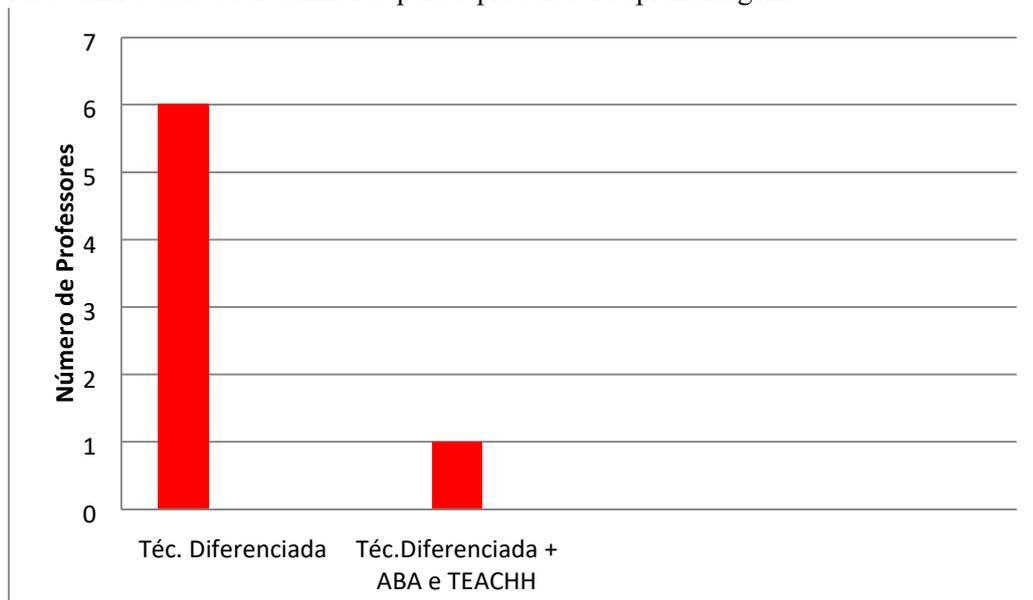
“[...] busquei conhecimento sobre autismo depois de ter o primeiro contato com um, por ter dificuldade em incluir ele e fui buscar mais conhecimento em pós-graduação [...]”
(Professora 4)

“[...] No início que eu tive o primeiro contato com o autismo eu não tive suporte nem conhecimento, eu fui buscar por conta própria, na internet e troca de experiências com outros profissionais da área e depois fiz a formação em TEA [...]”
(Professora 5)

Categoria 3- Métodos utilizados para o processo de aprendizagem.

Todos os participantes declararam a utilização de técnica diferenciada, definida por utilizar histórias, brinquedos, blocos lógicos, atividades com formas geométricas e outros; pois é uma forma de adaptar a atividade proposta na sala, dentro das preferências da criança. Além disso, foi citado outros métodos para a aprendizagem, como: ABA e TEACCH (Intervenções Educacionais), uma das participantes usa a combinação da técnica diferenciada junto com as duas intervenções mencionadas. No ABA, é ensinado ao autista determinadas aptidões que o mesmo não possui; é inserido por partes e possui alguma instrução e feedback imediato, como forma de motivá-lo. Já no TEACCH, o objetivo é estimular a independência da criança, tanto se ocupando sozinha, como a necessitar do educador para o aprendizado.

FIGURA 3- Métodos utilizados para o processo de aprendizagem.



Fonte: Elaborado pela autora.

Alguns professores por não serem tão preparados para lidarem com esse transtorno utilizam técnicas diferenciadas como forma de escolarizar o indivíduo. Os docentes buscam utilizar temáticas que sejam do interesse da criança, como objetos que ele goste, e também o uso de meios visuais, de maneira a facilitar a aprendizagem do mesmo (SCHMIDT et al., 2016). O uso de estratégias pedagógicas diferenciadas é

importante para equilibrar as oportunidades, mas para ser usada é necessário que o professor reconheça o aluno como um indivíduo capaz de aprender, de forma a construir uma educação de qualidade (BARBERINI, 2016).

Quando a pessoa é diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA), é fundamental a busca por uma intervenção educacional. As mais utilizadas são o TEACCH; ABA e PECS (FERNANDES; NEVES; SCARAFICCI, 2004).

Em síntese, verifica-se que a forma mais prática e fácil de escolarizar o indivíduo é por meio de temáticas do interesse do aluno, pois além de ser um meio que chama a atenção da criança, ajuda na escolarização e evolução do mesmo, como evidente nas seguintes falas:

“ Alternativas diferenciadas, tanto na parte das atividades, como nos objetos , autonomia, brinquedos, vivências para trabalhar com ele; pois trabalhar com ele a rotina na sala de aula não da certo, por isso busco alternativas diferentes da sala de aula “ (Professora 6)

“[...] trabalhar com técnicas diferenciadas para alcançar o objetivo ... busco alguma pecinha ou brinquedo que tenha cores, procuro outra estratégia na atividade de cores, mas mudo a estratégia de atividade, mudo o material, tento trabalhar com músicas, histórias[...]” (Professora 4)

Portanto, para os autores Battisti e Heck (2015, p.20), “existem inúmeras formas de se trabalhar com as crianças autistas e com isso alguns métodos são utilizados para uma melhor inclusão desses alunos, mas não existe uma receita pronta, é preciso investir no acolhimento e na mediação da aprendizagem.”

Cada indivíduo apresenta um caso diferente, tudo depende do grau do transtorno, devido a isso eles devem ser atendidos de forma individual, de acordo com suas dificuldades e potencialidades (BOSA, 2006).

Categoria 4- Qualificação da instituição.

Os professores apontaram o local de trabalho como sendo insuficiente para a realização de um trabalho adequado. Sofrendo uma ausência em sua arquitetura, bem como em recursos e materiais específicos para a aprendizagem dos alunos, uma vez que esses fatores influenciam negativamente na aprendizagem, desenvolvimento e permanência escolar do mesmo.

FIGURA 4- Qualificação da instituição.



Fonte: Elaborado pela autora.

Perante isso, para que o portador do espectro seja inserido no ambiente escolar é necessário que a mesma compreenda as características do aluno e forneça arranjos físicos e curriculares, de maneira a treinar constantemente os profissionais, preparar procedimentos para atender as mais variadas situações, observar o ambiente para que não cause impacto sobre o aluno, além de fornecer todo o material e suporte acadêmico como forma de garantir uma aprendizagem efetiva (ALVES; LISBOA; LISBOA, 2010).

O relato das participantes confirma a percepção da importância e necessidade de investir na qualificação e melhora da instituição: “[...] Ainda precisa de adaptações, de um espaço adequado, recursos, materiais apropriados, diversificados e adaptados. Algumas escolas não possuem nem o espaço próprio para atendimento, outros sim, depende da administração.” (Professora 4)

“Às vezes deixa há desejar um pouco. Na Prefeitura eles tratam tudo junto, não é dividido por síndrome como nas instituições especializadas, então vai tudo bem embolado, tudo junto, não tem uma coisa específica para isso, não tem um respaldo específico para o autismo” (Professora 5)

Através desse estudo e dos resultados obtidos nessa pesquisa, fica evidente a importância da inclusão do autista no contexto escolar, a melhoria nos sistemas de ensino para o aluno com características autistas, bem como o investimento na formação continuada dos docentes. Um dos motivos que me levaram a explorar a busca por esse tema se deu pelo fato dos desafios da inclusão de alunos portadores do Transtorno do Espectro Autista, visto que a educação é um dever de todos, sem exceção. Entretanto, conforme analisado nos resultados, as escolas regulares e os profissionais não possuem capacitação para esse atendimento, além de encontrarem diversos desafios no meio do caminho, que dificultam o rendimento e a permanência escolar.

CONCLUSÃO

Considera-se que, há inúmeros desafios encontrados no processo de inclusão do aluno autista; desde a formação dos professores; a inclusão na sala de aula com os demais alunos, métodos utilizados para aprendizagem a instituição qualificada.

Dessa forma, é notável que os docentes durante a sua formação profissional necessitam ser instruídos de como se deve trabalhar com alunos portadores de deficiência, devem ser aptos para o processo de inclusão, investindo na formação continuada constantemente, em trocas de experiências com profissionais, oficinas e palestras, como forma de aperfeiçoamento e desenvolvimento prático e teórico dentro da área, de maneira a se preocupar com a inclusão desses alunos não somente na escola como na sociedade.

Por meio do presente estudo, também é possível analisar que as instituições precisam ser mais qualificadas em seu ambiente físico e arquitetônico, além de serem preparadas com materiais específicos para a didática e aprendizagem de alunos especiais, visto que a inclusão é um dever de todos.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-5).** 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2014, 948p.

BARBERINI, K. Y. A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 46-55, 2016. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 Mar. 2021.

BARBOSA, M. O. O transtorno do espectro autista em tempos de inclusão escolar: o foco nos profissionais de educação. **Revista Educação Especial.**, Santa Maria, v. 31, n. 61, p.299-310, 2018. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/270298656.pdf>. Acesso em 15 de Mar. 2021.

BATTISTI, A.V.; HECK, G.M.P. **A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: teoria e prática.** 2015. 47p. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó.

BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 28, supl. 1, pág. s47-s53, maio de 2006. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462006000500007&lng=en&nrm=iso.

Acesso em 12 de março de 2021.

CAMARGO, S. P. H.; SILVA, G.L.; CRESPO, R.O.; OLIVEIRA, C.R.; MAGALHÃES, S.L. DESAFIOS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO CONTEXTO INCLUSIVO: DIRETRIZES PARA FORMAÇÃO CONTINUADA NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 36, e214220, p.1-22, 2020. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982020000100223&lng=en&nrm=iso.

Acesso em 15 Mar. 2021.

COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. IV, 2010, Laranjeiras.

Autismo e inclusão escolar: Educon, 22 a 24 de Setembro de 2010. 15p.

DISTRITO FEDERAL. Senado. Projeto de Lei 5055/16 que dispõe sobre a educação inclusiva no projeto pedagógico das escolas. Disponível em: <https://cd.jusbrasil.com.br/noticias/720636450/comissao-aprovaproposta-que-promove-a-educacao-inclusiva>. Acesso em: 05 de Mai. 2021.

FELÍCIO, V. C. **O autismo e o professor: um saber que pode ajudar**. 2007. 56p. Monografia (licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Ciências UNESP – Campus de Bauru.

FERNANDES, A.V.; NEVES, J.V.A.; SCARAFICCI, R.A. Autismo, 2004. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/1209418-Autismo-alisson-v-fernandes-joao-v-a-neves-e-rafael-a-scaraficci.html>.

Acesso em: 15 de Mar. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep).

Censo da Educação Básica 2019: Resumo Técnico. Brasília, 2020.

MARTINS, Y. B. **Crianças autistas no ambiente escolar: dispositivos e problematização**. 2016. 57p. Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura em Pedagogia). Universidade de Brasília, Faculdade de educação, Brasília.

MAPELLI, L. D; BARBIERI, M. C; CASTRO, G. V. D. Z. B; BONELLI, M. A; WERNET, M; et al . Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 22, n.4, e20180116, 2018.

Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000400232&lng=en&nrm=iso. Acesso em 06 Mai. 2021.

RAMOS,S.P. **EDUCAÇÃO INCLUSIVA: Desafios e Possibilidades na Prática Docente**. 2019. 47p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências: Biologia e Química). Universidade Federal do Amazonas- (UFAM), Humaitá.

RUBINSZTEJN, C. **Desafios e possibilidades da inclusão na educação infantil**. 2018. 34p. Monografia (Programa de Pós graduação). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

SCHMIDT, C; NUNES,D.R.P; PEREIRA,D.M; OLIVEIRA,V.F; NUERNBERG,A.H; et al. Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.18, n.1, jan/abr. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1938/193846361017.pdf>. Acesso em: 15 de Mar. 2021.

SILVA, F.O; D'ESQUIVEL,T.H.S.C; SANTOS,N.M; BATISTA,S.L. Autismo e inclusão escolar. **Revista Conhecimento em Destaque**, Espírito Santo, Edição Especial, 2019. Disponível em: <http://ead.soufabra.com.br/revista/index.php/cedfabra/article/view/171/168>. Acesso em 15 de Mar. 2021.

SIPASE. IV, 2018, Porto Alegre. A FORMAÇÃO DOCENTE E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: EdiPUCRS, 13 a 15 de Setembro de 2017. 10p.